

[ARTIGO]

**“NO MOMENTO DO MEU NASCIMENTO  
DOIS FATORES DETERMINARAM O MEU  
DESTINO: TER NASCIDO NEGRA E MULHER”:  
raça e classe como os principais fatores frente a  
exploração das mulheres negras por meio do  
trabalho doméstico no Rio Grande do Norte.**

Ananda Tamara Nunes Pinheiro<sup>1</sup>

Damylle Cristiane de Oliveira Lima<sup>2</sup>

Emanuelly Dayane de Oliveira Valério<sup>3</sup>

**RESUMO**

O estudo aborda a interseccionalidade entre sexo, raça e classe, destacando como esses fatores determinam as condições sociais e ocupacionais das mulheres, especialmente as negras, que historicamente foram excluídas dos espaços políticos, econômicos e sociais. O trabalho doméstico, desvalorizado e muitas vezes realizado por mulheres negras, é fundamental para sustentar o sistema econômico capitalista, perpetuando a desigualdade racial e de gênero. A destacada correlação entre capitalismo, racismo e patriarcado, formando um sistema de dominação e exploração. A interseccionalidade é essencial para compreender as experiências das mulheres negras e combater as estruturas de poder que as oprimem.

**Palavras-chaves:** Capitalismo. Patriarcado. Racismo. Mulher. Trabalho doméstico

**“AT THE MOMENT OF MY BIRTH, TWO FACTORS DETERMINED MY DESTINY: BEING BORN BLACK AND A WOMAN”:** race and class as the main factors in the exploitation of black women through domestic work in Rio Grande do Norte.

---

<sup>1</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); E-mail: [anandatamara2@gmail.com](mailto:anandatamara2@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Egressa do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS//UERN). E-mail: [damyllecristiane@gmail.com](mailto:damyllecristiane@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); E-mail: [decio.diana@hotmail.com](mailto:decio.diana@hotmail.com)

## ABSTRACT

The study addresses the intersectionality of sex, race, and class, highlighting how these factors determine the social and occupational conditions of women, especially Black women, who have historically been excluded from political, economic, and social spaces. Domestic work, undervalued and often performed by Black women, is fundamental to sustaining the capitalist economic system, perpetuating racial and gender inequality. It highlights the correlation between capitalism, racism, and patriarchy, forming a system of domination and exploitation. Intersectionality is essential to understanding the experiences of Black women and combating the power structures that oppress them.

**Keywords:** Capitalism. Patriarchy. Racism. Women. Domestic work

## INTRODUÇÃO

No contexto do patriarcado, o trabalho doméstico desempenha um papel fundamental. Historicamente, as mulheres foram designadas para os afazeres domésticos, uma função que, ao invés de ser valorizada, foi subjugada e invisibilizada. No entanto, para as mulheres negras, essa dinâmica é ainda mais complexa. O trabalho doméstico, que já é desvalorizado, é ainda mais degradado quando é realizado por mulheres negras, refletindo as estruturas de poder que perpetuam o racismo e a exploração.

O capitalismo também desempenha um papel significativo nessa equação. Ele se apropria do trabalho doméstico não remunerado das mulheres para sustentar o sistema econômico, enquanto as mulheres, especialmente as negras, enfrentam condições desfavoráveis de trabalho e salários injustos. O capitalismo, ao promover a acumulação de riqueza em mãos privadas, perpetua a desigualdade racial e de gênero. Nesse sentido, a autora Saffioti, faz um estudo acerca da correlação entre capitalismo, racismo e patriarcado. “Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação, exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo.” (Safiotti, 1987).

O presente estudo tem como objetivo geral discutir como o capitalismo, o racismo e o patriarcado afetam as mulheres potiguares. Já no que se refere aos objetivos específicos, são eles dissertar sobre o trabalho doméstico no Brasil e a relação dele com o capitalismo, o racismo e o patriarcado; Como o trabalho doméstico afeta as mulheres que residem no Rio Grande do Norte; Falar como se deu a luta das mulheres frente ao reconhecimento profissional no Brasil.

Evidencia-se, portanto, que, a escolha do referente tema tem para além de uma significância pessoal, haja vista sermos mulheres que residem no Rio Grande do Norte, e nos autodeclaramos negras, mas também possui como intuito retratar acerca de tais categorias devido às inquietações e questionamentos referente ao grande índice de trabalho doméstico destinado e executado pelas mulheres negras. Entendemos que as raízes do racismo estrutural e institucional está presente em todos os espaços

sociais, desse modo, ao fazer um recorte no Rio Grande do Norte, nosso principal intuito é abordar como as implicações desse sistema capitalista, racista e patriarcal implica nas condições de vida e trabalho das mulheres que residem no Estado do Rio Grande do Norte.

Ademais, este estudo tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica, caracteriza-se com uma pesquisa qualitativa, haja vista se estruturar com análise de dados e informações obtidas por meios das presentes referências bibliográficas, tendo como principais aportes Gonzalez (1983) e Hooks (2020). Sendo algumas dessas referências, advinda de textos bases disponibilizados no decorrer da disciplina de Gênero e Sexualidade. As autoras mencionadas permitiram uma melhor ampliação e fomentação acerca da seguinte problemática, de modo a possibilitar uma abordagem teórica crítica para elaboração deste trabalho.

Contudo, ao abordarmos acerca de tal problemática, destacamos as determinações sócio históricas das relações étnico-raciais nos processos de trabalho doméstico no Brasil, bem como esse racismo estrutural impacta nos índices de trabalho doméstico do Rio Grande do Norte. Nesse contexto, ressaltamos sobre a expansão dos direitos do trabalho doméstico, sendo assim uma das principais conquistas advindas de lutas significativas para essa categoria. Partindo disso, entende-se que analisar a interseccionalidade entre raça, gênero e classe é fundamental para entender as experiências das mulheres negras. É preciso reconhecer e combater as estruturas de poder que perpetuam a opressão, buscando formas de empoderamento e resistência que considerem essa complexidade de opressões.

## **CAPITALISMO, RACISMO E PATRIARCADO COMO PRINCIPAIS DETERMINANTES DOS ÍNDICES DE TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL**

O capitalismo, o patriarcado e o racismo são sistemas interconectados que perpetuam a desigualdade e a opressão. Assim, o capitalismo amplifica as desigualdades existentes, criando uma hierarquia social baseada na posse de bens, o que marginaliza trabalhadores, mulheres e pessoas negras. No patriarcado, os homens têm privilégios sobre as mulheres, limitando suas oportunidades e reforçando a supremacia masculina. O racismo é um sistema de discriminação e opressão que se baseia na crença na superioridade de pessoas de uma determinada raça ou cor de pele. Usado para perpetuar a exploração e a opressão de pessoas negras, mestiças ou de outras etnias, promovendo uma ideologia conservadora e preconceituosa de que algumas raças possuem características inatas superiores às outras.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo,

culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. Por aí se vê que o barato é domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem. (Como é que pode?) Seguindo por aí, a gente também pode apontar pro lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel (Gonzalez, 1984, p.4)

Nesse contexto, a autora Bell Hooks cita: Nesse sentido, Hooks ressalta que “A minha experiência de vida me mostrou que as duas questões são inseparáveis, que no momento do meu nascimento, dois fatores determinaram o meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher” (Hooks, 2020, p. 12). Entende-se, portanto, que desde os primórdios a desigualdade de gênero é um problema social que está presente no Brasil e no mundo. A mulher sempre foi tida como inferior e seus deveres na sociedade são associados apenas a cuidar do lar, filhos e marido, dessa forma, as mulheres têm tido seus direitos negligenciados, sendo exploradas e apropriadas pelas relações patriarcais, no qual acabam perdendo seu espaço no meio econômico, social e profissional.

Desde o período escravocrata, mulheres negras são inferiores aos homens negros. O homem escravizado era mais caro, as mulheres eram usadas como objetos sexuais, em forma de suave. O homem negro escravizado foi primordialmente explorado como trabalhador do campo, porém a mulher negra foi explorada como trabalhadora do campo, em atividades domésticas, como reprodutora e como objeto para assédio sexual perpetrado pelo homem branco (Hooks, 2020, p. 47).

A escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (...) O amor para a escrava (...) tinha aspectos de verdadeiro pesadelo. As incursões desaforadas e aviltantes do senhor, filhos e parentes pelas senzalas, a desfaçatez dos padres a quem as Ordenações Filipinas, com seus castigos pecuniários e degredo para a África, não intimidavam nem os fazia desistir dos concubinatos e mancebias com as escravas (June, Hahner, 1978, p. 120 e 121 apud Gonzales, 1984, p. 7).

A trajetória histórica do trabalho doméstico na sociedade brasileira evidencia a forte associação entre mulheres negras e essa ocupação, desde os tempos da escravidão até os dias atuais. Após a abolição da escravatura, em 1888, as mulheres negras são excluídas dos espaços educacionais, profissionais e das demais esferas

sociais. Em decorrência dessa exclusão, essas mulheres são destinadas ao trabalho doméstico.

Nesse sentido, o Brasil possui um dos maiores contingentes de pessoas empregadas no trabalho doméstico, sendo essa ocupação predominantemente feminina. Essa realidade é fundamental para compreender a trajetória de mulheres e meninas em situação de vulnerabilidade social no mercado de trabalho, especialmente em um contexto marcado por profundas desigualdades raciais e sociais no país.

Nesse contexto, ao retratar a cerca do trabalho doméstico no Brasil na atual conjuntura, é válido trazer dados informativos para uma melhor compreensão da realidade sobre tal temática. Em 2022, a ocupação do trabalho doméstico era de 5,8 milhões de pessoas, sendo 92% mulheres e 61,5% mulheres negras, com uma alta carga de trabalho. Seguindo assim, no mesmo ano, de cada 100 trabalhadoras negras, 16 eram trabalhadoras domésticas; no caso das mulheres brancas esse número cai para abaixo de nove.

Essa veracidade perpassa na vida das mulheres negras juntamente com a precarização do trabalho e má remuneração na qual elas são exploradas, desvalorizadas e invisibilizadas. Seguindo com ideais raízes escravistas da sociedade brasileira explicitando as desigualdades de gênero, raça e classe que moldam o trabalho doméstico.

## **COMO O RACISMO ESTRUTURAL IMPACTA NOS ÍNDICES DE TRABALHO DOMÉSTICO NO RIO GRANDE DO NORTE**

Em síntese, no Rio Grande do Norte, o racismo estrutural exerce um papel determinante nos índices de trabalho doméstico, perpetuando desigualdades socioeconômicas que se refletem diretamente no mercado de trabalho, resultando em uma alta concentração de mulheres negras nesse setor, partindo da hipótese que é uma realidade visível diante do nosso olhar amplo e crítico sobre o meio social que estamos inseridas, como consequência do sistema capitalista, racista e patriarcal que domina os meios e as vidas das mulheres.

De acordo com a matéria da TCM, no ano de 2023, segundo dados obtidos no levantamento Observatório do Trabalho e Políticas Sociais da Secretaria de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social (Sethas), 93,2% do trabalho doméstico realizado no Rio Grande do Norte é feito por mulheres, e desse total 74,4% são negras.

Essa conversa sobre mulher ser "naturalmente predestinada" à execução dos afazeres domésticos são bobagens semelhantes ao discurso que, na época, os donos de escravos faziam sobre estes serem "naturalmente predestinados" à condição de escravo. Em essência, não há nada no trabalho doméstico que faça com que ele seja uma ocupação mais adequada para individualidade da mulher do que para o homem ( Krúpsikaia, 1921, apud Schneider, 2017).

Essa realidade é reflexo de estruturas sociais racistas que perpetuam a ideia de inferioridade da população negra, relegando-as a ocupações mal remuneradas e desvalorizadas. A discriminação racial e a violação de direitos trabalhistas são realidades enfrentadas diariamente por essas mulheres.

Segundo a matéria da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), publicada no dia 04 de abril de 2022, 38 trabalhadoras domésticas foram resgatadas de trabalhos escravos no Brasil, no período de 2017 a 2022. No Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró, no ano de 2022, uma mulher foi resgatada após 35 anos de trabalho doméstico, no qual ela não recebia salário, não usufruía de férias ou até mesmo descansos semanais. Em Natal, também ocorreu um resgate de uma trabalhadora que estava em situação parecida com a de Mossoró, não tendo condições dignas de trabalho. A procuradora Cecília Amália, do Ministério Público do trabalho (MPT), também participou da operação e afirmou que no caso de Mossoró, além de maus tratos com a empregada, ainda houve assédio sexual.

Diante o exposto, além da exploração do cotidiano, as mulheres negras precisavam lidar com assédios e com a violência sexual de seus corpos, pelos seus patrões, desse modo, elas preferiam não falar nada, pois além de não serem ouvidas, ainda corriam o risco de perder seus empregos.

### **EXPANSÃO DOS DIREITOS DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: trajetória e lutas das mulheres pelo reconhecimento profissional**

As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado (Piscitelli, 2002, p.3).

As mulheres passaram por um processo de disputa pela luta de seus direitos, tendo em visto isso, em 2015 foi aprovada uma Emenda Constitucional n. 72/2013, a PEC das domésticas, que contou com uma maior taxa de formalização da história, na qual apenas  $\frac{1}{3}$  das trabalhadoras possuíam carteira de trabalho assinada. Porém, mesmo com essa conquista, as mulheres ainda perpassam por muitos entraves no trabalho doméstico.

Com isso, nota-se um aumento do desemprego doméstico no país, visto que os patrões não reconheciam as empregadas como sujeitas de direitos e negavam assinar suas carteiras, para garantir seus direitos trabalhistas. Em relação a isso, ressalta Teixeira (2021, p.43) que uma das estratégias utilizadas pelos patrões, além de manutenção da própria contratação informal, é a barganha ao dizer que consegue pagar mais se não tiver que pagar os direitos legalmente. Visto isso, houve o aumento

do trabalho informal ligado à contratação de diaristas desde então, sendo uma das possibilidades para muitas mulheres, especialmente as negras.

É evidente que a mulher negra tem uma remuneração inferior à da mulher não negra. Enquanto uma diarista negra recebe R\$ 5,34 pela hora trabalhada, a não negra ganha R\$ 6,94. No ano de 2021, o governo federal lançou uma nota informativa nº 2/2023 com dados sobre 93 % das diaristas não possuíam carteira assinada, constando corresponderem metade do total das trabalhadoras domésticas.

É importante citar sobre a participação das mulheres na luta pelos seus direitos desde o período da industrialização, visto que as mulheres que trabalhavam nas fábricas tinham salários inferiores. Segundo a autora Tânia Suely (2008), até por volta de 1960, em nenhum momento a luta sindical teve o objetivo de que homens e mulheres recebessem salários iguais, ou seja, quando reivindicavam por salários iguais pelas mesmas tarefas desenvolvidas nas indústrias, não eram consideradas necessárias. Portanto, mesmo após lutas por igualdade social, para se inserir no mercado de trabalho, sua renda é inferior à dos homens.

A busca pelo reconhecimento profissional das trabalhadoras domésticas no Brasil é um processo árduo e dura décadas. Essa luta teve início com a fundação da primeira associação das trabalhadoras domésticas no país, a Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), no Estado de São Paulo, que tinha como representante a trabalhadora doméstica Laudelina Campos de Melo, que desempenhou um papel fundamental em torno do reconhecimento dos direitos das trabalhadoras domésticas.

O principal propósito dessa associação era alcançar o direito à sindicalização, pois a partir dessa conquista, as trabalhadoras teriam condições políticas e materiais para a luta em torno da regulamentação da sua profissão e dos seus direitos em relação aos demais grupos de trabalhadores. Em 1936, com a criação da associação FENATRAD, importantes acontecimentos aconteceram na vida dessas trabalhadoras domésticas no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema capitalista, racista e patriarcal perpassa a vida das mulheres negras afetando todas as suas condições existenciais, dando ênfase no trabalho. Muitas mulheres se submetem a diversos empregos somente para sobrevivência e pela falta de opção no mercado de trabalho, sendo exploradas e invisibilizadas na sociedade, sem direitos à socialização ou até a uma educação de qualidade. E mesmo com todos os processos de lutas, as mulheres negras ainda continuam nesses espaços precarizados e informais.

Tendo em vista que o capitalismo sempre procura meios para se fortalecer, sendo o principal determinante dessa exploração, agravada pela falta de políticas públicas adequadas que garantam direitos trabalhistas e proteção social para essas

mulheres. É necessário que as mulheres tenham seus direitos garantidos como está posto em lei, com a garantia conjunta de direitos que dão acesso à aposentadoria, casa própria, reconhecimento, outros direitos básicos, mas que são essenciais para a vida das mulheres, em ênfase as negras.

Ademais, o contexto atual nos engaja e encoraja a lutar em busca de melhorias na vida dessas mulheres, para que não percam os direitos que historicamente foi conquistado e nos mostra que ainda temos muitas lutas para conquistar novos direitos, com políticas públicas de fato inclusivas e que possam transformar a realidade das mulheres que exercem o trabalho doméstico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério do desenvolvimento de Assistência social, família e combate à fome. [Brasília]: Ministério do desenvolvimento de Assistência social, família e combate à fome, abril.2023. Disponível em: [https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7\\_Orgaos/SNCF\\_Secretaria\\_Nacional\\_da\\_Politica\\_de\\_Cuidados\\_e\\_Familia/Arquivos/Nota\\_Informativa/Nota\\_Informativa\\_N\\_2.pdf](https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidados_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_2.pdf). Acesso em: 21 fev.2024.

FENATRAD. **Trabalhadoras domésticas em situação análoga à escravidão no Brasil, até quando?**. Fenatrad, 2022. Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2022/04/04/trabalhadoras-domesticas-em-situacao-analoga-a-escravidao-no-brasil-ate-quando/> . Acesso em: 21 fev.2024.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. Pensamento Feminista brasileiro. Formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: 2019, pág. 237-258.

GONZALEZ, Lélia; RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Leila Gonzales: Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo negro, 2010.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Trabalho doméstico: mulheres negras são a maioria na categoria e têm os piores salários**. Nós Mulheres da Periferia, 2015. Disponível em:

<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/trabalho-domestico-mulheres-negras-sao-a-maioria-na-categoria-e-tem-os-piores-salarios/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

PISCITELLI, A. **Recriando a (categoria) mulher?**. In: ALGRANTI, L. (org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002.

SCHNEIDER, Graziela. **A Revolução das Mulheres: Emancipação Feminina na Rússia Soviética**. São Paulo, 2017. Disponível em:

[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/resen%20a2018\\_11\\_04\\_15\\_46\\_07.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/resen%20a2018_11_04_15_46_07.pdf) . Acesso em: 27 fev.2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.